

An artistic illustration of a woman from the back, wearing a blue and white striped corset and a long, flowing yellow-green skirt. Her hair is styled in a bun. The background is a vibrant pink with faint sketches of other figures. The overall style is expressive and painterly.

Léonor de
Récondo

AMORES



Anselme empurra Céleste no colchão, toda vez o mesmo gesto de atirá-la de bruços, a cabeça afundada no travesseiro, os cabelos ao alcance das mãos. Levanta a saia dela num instante. Ela não resiste, não resiste mais. Ele a segura pelo coque, agarra com força a massa de cabelos. Depois se acomoda, metido entre suas coxas, e começa. Os pés da cama de ferro rangem. Nem Anselme nem Céleste ouvem o lamento da cama que suporta o amor forçado. É trabalhoso, sempre. É longo. Ela se pergunta por que esses momentos passam tão devagar. Por que não desmaiar para não sentir nada.

Uma vez, tentou tocar no assunto com Huguette na escada de serviço. Trêmula, balbuciou:

— É o monsieur de Boisvaillant...

Seus joelhos começaram a bater. Huguette entendeu de imediato. Disse-lhe que ficasse quieta, repetindo várias vezes:

— Fique quieta e não invente de contar para a madame!

Observou em silêncio aqueles joelhos tocando um no outro. E acrescentou, dando-lhe as costas:

— Mantenha a cabeça erguida, é tudo o que gente como nós pode fazer! Manter a cabeça erguida para pensarem que você não se envergonha.

Céleste levantou a cabeça, cerrou os dentes e enrijeceu as pernas para que os joelhos parassem de se mexer daquele jeito estúpido. Conseguiu articular:

— Está bem, Huguette.

O tom de sua voz é baixo, quase calmo. Percebe de repente que a solidão em que nasceu a obriga a aquiescer sempre. Se tivesse tido escolha — mas essa palavra não existe na sua condição, nem no seu

vocabulário — ela teria dito: “Não”. Teria até gritado.

Quando Anselme está determinado a entrar e sair dela, Céleste pensa em outra coisa. É algo que acabou se tornando simples. Tem predileção pela clareira. Enquanto ele faz seu trabalho, ela caminha pela floresta onde, na infância, ia brincar com seus irmãos e irmãs. São tantos que ela nem sabe ao certo quantos são, nunca os contou. Ela é uma entre eles. Essas caminhadas ela nunca esquece, são suas lembranças mais preciosas. A despreocupação de correr, de respirar o húmus e a resina dos pinheiros, de brincar de esconder, de saborear esses momentos antes de voltar para a granja escura onde, de repente, todos se encurvam, todos se dobram até desaparecer para escapar dos gritos do pai.

Anselme aperta um pouco mais a massa de cabelos, tem prazer em se machucar com os grampos. Senti-los cravando na palma da mão, quase gozar — fazer com que esse quase dure o máximo possível. Puxar o coque na sua direção para que ela se arqueie. Nesse momento, Céleste já não existe, é apenas um corpo, e ele gostaria que esse corpo gritasse, participasse um pouco, mas nada além de silêncio. Quando ele vai gozar, puxa um pouco mais forte o coque, que se desfaz nas suas mãos. Confunde, então, cabelos e crina, sentindo-se um soberano numa cavalgada sem fim.

Ele cai com todo seu peso sobre a montaria. Céleste não sente os bulbos dos cabelos sendo arrancados um a um. Está sentada na clareira da floresta. Seu lugar favorito. Não tem nada para fazer ali, só esperar o tempo passar. E é o que ela faz.

O passeio encantado é abruptamente interrompido quando o corpo dele desaba sobre o seu. Que pesado!, toda vez ela se surpreende. Pesado e sem força, pesado e vazio. Retorna então à realidade do travesseiro que ela morde até sufocar, aos guinchos da cama de ferro, que cessaram, a esse quatinho minúsculo sob o telhado, onde às vezes faz muito frio, às vezes muito calor.

Levanta a cabeça, mantendo-a bem erguida, como deve ser. Anselme, já em pé, está ajustando suas roupas. Ela não olha para ele, nunca. Aguarda que ele bata a porta para ficar bem encolhida e chorar um pouco.

Victoire acorda vagarosamente. De manhã, quando seu corpo ainda entorpecido de sono se espreguiça debaixo dos lençóis de linho, ela procura sob o travesseiro o pequeno sachê de seda que envolve delicadamente a lavanda colhida no ano anterior. Victoire gosta que cada novo dia comece com uma longa inspiração desse perfume tranquilizador.

Pela luz que atravessa as janelas e as pesadas cortinas de tafetá, imagina que sejam nove horas. Huguette não vai demorar para trazer o café da manhã. Ela fecha os olhos e se deleita mais um pouco com esse momento que antecede a agitação do dia. Aproxima o sachê perfumado das narinas, respira diversas vezes, então o recoloca depressa debaixo do travesseiro quando ouve os passos de Huguette ecoarem no corredor. Instantes depois, feitas as saudações habituais, a bandeja é colocada sobre sua cama. O chá está fumegando, as fatias de pão torrado repousam em um cesto de tecido com tampa para preservar, por algum tempo mais, o calor volátil.

Huguette se agita no quarto, abre as janelas e as cortinas, dá algumas notícias:

— Monsieur está em seu gabinete.

A mesma frase todas as manhãs. E onde mais ele poderia estar a não ser no gabinete?, pensa Victoire.

Faz cinco anos que está casada com Anselme, e todos os dias — seu pensamento se detém no “todos os dias” —, inclusive no domingo, ele não consegue deixar de descer até o térreo da casa para se afundar nos registros de heranças, de casamentos, que invadem seu escritório. Todos

aqueles contratos que, segundo Victoire, governam sua vida de uma forma absurda. “Vou dar só uma olhadinha e já volto!”, responde Anselme incansavelmente quando ela tenta protestar contra o espaço ocupado por aquela papelada. Uma parede de papéis entre ele e os outros.

Ela é tirada de seu devaneio por Huguette, que continua:

— Permita-me lembrá-la que a senhora deve participar do almoço de caridade do hospital.

— Obrigada, Huguette, eu tinha esquecido totalmente.

O dia de Victoire está arruinado num instante. No início do casamento, ela gostava de participar das ações de caridade, principalmente das visitas ao hospital. Seu marido, dando continuidade à tradição das gerações anteriores, doava um cheque generoso no início de cada ano. Isso lhes rendia agradecimentos calorosos, a estima pública e o privilégio de frequentar as reuniões trimestrais das esposas dos benfeitores. Como Victoire sentira-se orgulhosa nas primeiras vezes. Ela pensava durante vários dias no traje que iria vestir. Simulava diante do espelho as mímicas que faria quando se dirigisse à esposa do diretor do estabelecimento. Humildade nas palavras, isso era óbvio, mas também segurança, pois não era ela a madame de Boisvaillant, a esposa do tabelião? Quantas vezes, logo depois de casada, ela não repetiu seu novo nome, aquela nova identidade que a deixava fascinada? Escrevia infinitamente em uma folha: *Victoire de Champfleuri, esposa de Boisvaillant*. Como era bonito, como soava bem, mas como isso a incomodava hoje.

— Que vestido devo preparar, madame?

— Não sei, Huguette...

Victoire sopra sobre a xícara de chá quente, bebe alguns goles antes de acrescentar:

— Pode ser o lilás que eu usei esses dias, mas volte mais tarde para me ajudar...

— Muito bem, madame.

Huguette escancara a janela. O calor de junho entra com violência. Victoire empurra a bandeja no momento em que a camareira sai do quarto. Huguette é mais do que uma camareira. Ela também é uma cozinheira, uma empregada de confiança, ou ainda melhor: uma

verdadeira governanta.

Quando Victoire casou, Huguette já trabalhava para Anselme havia muitos anos, desde sempre, uma vez que cuidara dele quando era criança, ainda viviam todos no casarão da família. Mudara-se com ele para a cidade, quando do seu primeiro casamento. Levara tempo para se acostumar com os ruídos, com as ruas estreitas de Saint-Ferreux-sur-Cher, mas como Anselme propusera que ela e Pierre fossem morar na casa do jardim, ela tinha aceitado. Como poderia ter recusado, se o conhecia desde o nascimento?

Victoire havia entrado em uma casa impecavelmente organizada. No início, teve dificuldade para dormir naquela cama de casal sabendo que outra estivera deitada ali, inclusive morrera ali, mas ela não tinha deixado uma criança, e Anselme tratou logo de substituí-la. Huguette percebeu rápido que Victoire a deixaria segurar as rédeas do lar. Recebeu-a, portanto, de braços abertos e, apesar do leve desdém que aparecia em suas palavras, ela tratava a nova madame de Boisvaillant com simpatia. Cada uma ficava no seu lugar, cumprindo seu papel com perfeição.

Victoire não bebe mais o chá, não come as torradas preparadas com esmero. As visitas ao hospital a deixam enjoada. Passar entre os leitos e sorrir, compadecer-se na frente dos pacientes, perguntar como estão, parecer interessada. O que ela odeia mais do que tudo são visitas às jovens parturientes. Não basta ter que ficar extasiada diante da pele enrugada dos bebezinhos, aguentar os gritos ensurdecadores, é preciso também, e sobretudo, ficar escutando interminavelmente os comentários das esposas ricas sobre as próprias proles. Todos bem-nascidos, cada um mais forte que o outro, e sempre a mesma pergunta que surge:

— E então, madame de Boisvaillant, o que a senhora está esperando para ter um filho? Essa criançada não a deixa com vontade?

Tão logo pensa nisso, Victoire se esconde debaixo do lençol, derrubando com um único golpe todo o conteúdo da bandeja.

Victoire toca a campainha com todas as suas forças. Instantes depois, Huguette e Céleste entram no quarto. Victoire está em pé e, enquanto olha pela janela, belisca nervosamente o lóbulo da orelha.

Céleste recolhe o prato e a xícara caídos no chão. Huguette a apressa: — Vamos logo com isso, e troque os lençóis!

Céleste obedece às ordens o mais rápido que pode. Enquanto está ocupada, Huguette prepara o traje lilás.

Victoire fica calada e continua a apertar a orelha. Que estupidez ter derrubado tudo! Não tem nada que eu seja capaz de controlar?

Huguette começa a amarrar seu espartilho.

Como o jardim está florido, suntuoso, como ela gostaria de correr por ali e se embriagar com a carícia do vento em seu rosto, em sua boca. Victoire interrompe seus pensamentos para dizer: “Aperte mais forte. Não comi nada esta manhã, então alguma coisa vai ter que me sustentar”.

Diz isso de um jeito distraído, quase inaudível, e não consegue conter um pequeno gemido quando o punho vigoroso de Huguette dá um puxão no laço que a aperta.

— A senhora vai sentir calor no hospital, madame.

Victoire dá de ombros.

Huguette diz para si mesma que ser empregada tem ao menos uma vantagem: não ter a obrigação de usar esses espartilhos ridículos. Além disso, a madame tem sorte de ter a cintura tão fina, ela pensa. Para uma mulher robusta como eu, seria preciso apertar, e ainda apertar um pouco mais, para chegar a um resultado convincente.

Céleste não pensa em nada. Acontece muito raramente de estar no quarto de Victoire na presença dela. Está confusa porque, em geral, só entra ali para fazer a limpeza. De canto de olho, observa a maneira que Huguette amarra o espartilho. Nunca tinha visto aquilo antes. Vê o corpo de Victoire afinando, se aprumando. Acha isso ao mesmo tempo estranho e bonito.

— Está sonhando, Céleste? Vamos logo com isso!

Huguette a repreende, então ela segura os lençóis entre os braços e sai afobada do quarto. Victoire sequer percebeu sua presença.

Poucas horas depois, Pierre aproxima a caleche do patamar da casa. Victoire está pronta, ela desce os degraus. Sua silhueta ondula sobre a pedra calcária. Para se proteger do sol, complementou o traje com um grande chapéu de palha adornado com flores de tecido combinando com o vestido e com a sombrinha. Pierre a cumprimenta com um aceno de cabeça.

Ficou surdo e mudo depois que uma bomba explodiu perto dele no final da guerra, em janeiro de 1871. Nunca se soube o que realmente aconteceu, mas, desde aquele dia, há mais de trinta e sete anos, ele não emitiu um único som. Noivara com Huguette antes de ser convocado para o combate. Quando o viu voltar sem voz, Huguette hesitou. E quando percebeu que ele nunca mais ouviria o som da sua voz, duvidou terrivelmente. Pierre fitou Huguette, que o reencontrava mutilado. Se a guerra o havia privado da audição e da fala, também o ensinara a observar. Ele viu, dentro da caixa torácica daquela jovem, o coração disparar, sem saber para que lado ir, e então se acalmar. Depois do momento de pânico, Huguette pensou que sempre poderia falar pelos dois, e que uma casa silenciosa seria bem mais agradável para se viver do que uma muito barulhenta. Ela não o deixaria lá, apesar de tudo! Então abriu os braços e eles se casaram. Trinta e sete anos de uma felicidade sem abalos, sem qualquer som, durante os quais ela foi pouco a pouco entendendo os resmungos que ele usava como palavras. E quando Pierre acordava sobressaltado, transpirando toda a água do corpo, e se agarrava nela, Huguette sussurrava: “Você é meu marido e minha criança, e eu amo você”. Ela sabia que, apesar da noite que se fizera nele, as palavras encontrariam seu caminho, e eles voltavam a dormir.

Ambos trabalhavam para a família Boisvaillant. Pierre era tanto jardineiro como cocheiro. Durante a guerra, fora designado para o mesmo regimento que o pai de Anselme. Se um voltou surdo e mudo, o

outro tinha ficado por lá. Anselme, que tinha apenas alguns meses, não teve tempo de conhecer o pai, e se apegou ao jardineiro como o homem que estivera ao lado do desaparecido, que havia conversado com ele. E mesmo que Pierre não pudesse lhe contar nada, o fato de estarem próximos bastava a Anselme.

Pierre abre a portinhola. Victoire, depois de subir com agilidade no estribo, se acomoda na caleche. Ela gosta desse ambiente confinado que cheira a couro e a cavalo. Gosta de se deixar levar pelo ritmo dos animais e dos imprevistos do caminho. Seu mau humor se dissipa durante o trajeto. Essa visita ao hospital é a última antes do verão e da partida deles para o campo. Mudarão de ar, e isso lhe fará bem. Durante o mês de agosto, talvez Anselme se esqueça de seus documentos. Quem sabe?

Fica cada vez mais quente na caleche. Ela não tinha imaginado que o sol bateria tão forte sobre a capota preta do veículo. De repente, sente-se sufocada no espartilho, mal consegue respirar. Felizmente, eles chegam. Pierre a ajuda a desembarcar. Mas, no momento em que seu pé encosta no chão, Victoire desaba, desmaiada nos braços do cocheiro.

Quando Victoire volta a si, está deitada em um dos leitos do hospital. O primeiro rosto que vê é o do médico que geralmente conduz as visitas. Pierre, com a boina na mão, está logo atrás dele.

— Madame de Boisvaillant, a senhora teve um desmaio. — E o médico continua: — Com certeza do calor...

Victoire abana a cabeça, olha em volta, respira o cheiro ácido do lugar.

— Acho melhor eu voltar para casa. Transmita minhas desculpas a estas senhoras...

Pierre se aproxima para ajudá-la. Ela se apoia em seu braço e cumprimenta rapidamente o médico. Sair daqui o quanto antes. Ela ainda o escuta à distância pedindo que agradeça ao marido por sua benevolência para com a ciência e com os que lutam, dia e noite, contra as doenças. A voz se perde no labirinto dos corredores sonoros.

Durante a viagem de volta, o espírito de Victoire permanece absolutamente vazio, nem os solavancos da caleche, nem o perfume do couro a tiram de seu torpor. Como ela se sentia bem desmaiada, a cabeça em outro lugar, tão longe dali. Para onde ela havia escapado? Esse vazio combina perfeitamente com ela. Gosta de acreditar que desse modo ela abre espaço para um mundo inteiro. Ainda precisa definir qual mundo, mas com certeza isso vai acontecer um dia.

Menos de duas horas depois da partida, o veículo estaciona no mesmo local de onde tinha saído. O patamar e seus degraus, a pedra branca e os reflexos dourados, as telhas de ardósia bem alinhadas, a perfeita mansão burguesa em que Victoire com muita rapidez se sentiu à vontade.

Huguette corre para a entrada:

— O que houve, madame? A senhora voltou bem antes do previsto!

— Eu desmaiei no hospital. Achei melhor voltar.

— A senhora tem toda a razão! Vou preparar um lanche.

— Boa ideia, estarei na biblioteca.

Na biblioteca, Céleste está espanando os objetos que Victoire dispôs com esmero sobre o piano de cauda. Com delicadeza, ela levanta e coloca de volta cada bibelô. Absorvida em sua tarefa, não ouve a madame se acomodar em um dos divãs, e quase quebra a pequena porcelana que está acariciando com o espanador quando Victoire lhe diz:

— Bom dia, Céleste.

A empregada leva um susto e balbucia:

— Bom dia, madame. Me desculpe, eu não tinha ouvido a senhora entrar...

Ela imediatamente guarda seus utensílios e, depois de acenar com a cabeça, deixa o ambiente. Por que Céleste ainda fica tão apavorada ao me ver?, se pergunta Victoire. De todo modo, ela parece estar fazendo bem o seu trabalho, e Huguette nunca reclamou. Melhor uma empregada que peca por excesso de discrição do que o contrário.

Huguette coloca sobre a mesinha de centro um bule e algumas frutas.

— Preparei chá de camomila para a senhora. Isso cura tudo.

— Obrigada, Huguette.

Victoire levantou e pegou um livro da prateleira: *Madame Bovary*. Foi o primeiro livro que leu após o casamento. Sua mãe sempre a proibira de lê-lo, considerava-o totalmente impróprio para uma jovem. Então ela se apressou para comprá-lo, logo que casou, e o devorou. Mesmo que tivesse achado aquela Bovary um pouco boba, divertira-se acompanhando sua depravação. Quando havia iniciado a leitura, na sala, Anselme olhara para ela de olhos arregalados: “Como é que você consegue ler essas besteiras?”. E acrescentou: “Esse livro é um amontoado de merda!”. Ela fica vermelha de novo. Sim, ele tinha dito exatamente aquilo. Victoire folheia o livro. Pobre Emma, ela pensa. Comigo essas coisas nunca aconteceriam. Minha vida tem mais estabilidade, mais sentido.

Seus olhos passeiam de uma página a outra e estacam, aturdidos, na seguinte passagem:

Antes de se casar, ela pensara que tinha amor; mas como a felicidade que

deveria ter resultado desse amor não havia chegado, ela só podia ter se enganado, pensava. E Emma procurava saber o que exatamente significavam, na vida, as palavras felicidade, paixão e embriaguez, que tinham parecido tão bonitas nos livros.

Um arrepio estranho percorre sua espinha. Fecha bruscamente o livro. Anselme estava certo. É ele quem chega, aliás, alertado por Huguette.

— Acabaram de me avisar que você passou mal.

— Não foi nada, é o calor, sem dúvida...

— Você precisa descansar, cuidar mais de você!

Victoire se pergunta o que há de tão exaustivo em sua vida que exija descanso. Nada, definitivamente nada.

— Preciso voltar para o gabinete. Tenho alguns trabalhos urgentes. Por que você não vai para o campo mais cedo? Eu encontro você lá.

— Sim, talvez...

Sem esperar pela resposta da esposa, Anselme sai. Ele tem carinho por ela, considera-a um objeto delicado que é preciso encher de mimos. Frágil demais para procriar, parece. Deve ser essa a maldição dos Boisvaillant. No entanto, ele nasceu. Seu pai conseguiu fazer um filho, é verdade que um só. A duras penas, depois de anos de casamento. Além disso, conheceu a mãe já envelhecida pela viuvez e pelo parto quase simultâneos.

No vestíbulo que o leva ao gabinete, Anselme cruza com Céleste, que baixa imediatamente os olhos. Ele não a cumprimenta, ela não existe. A empregada ganha vida apenas por breves instantes. A cada três meses, mais ou menos, quando um desejo irreprimível o empurra escada acima, fazendo-o subir de quatro em quatro os degraus que levam até o quartinho, até a pequena cama de ferro, para apertar e puxar aquele coque até o gozo.

Durante as semanas seguintes, Victoire descansa. Huguette cuida dela com atenção e, quando se entedia demais, Pierre a leva para dar uma volta de caleche na zona rural próxima dali, para “ver o milagre do verão acontecendo”, como ela diz ao marido durante os jantares a sós na varanda.

Depois vêm os preparativos para a partida do mês de agosto, rumo à casa de madame de Boisvaillant mãe. Poderiam ficar por lá também em setembro, mas Anselme sempre abrevia suas férias, alegando ter uma pilha de negócios para tratar, daqueles que não podem esperar. Ele geralmente acrescenta: “A morte nunca avisa, devo estar disponível desde o primeiro momento para os herdeiros. Entende?”. Sem que ninguém acredite, e sempre dizendo que no próximo verão ficarão lá por mais tempo, todos os anos, em 1º de setembro, eles tomam a estrada no sentido contrário, rumo a Saint-Ferreux-sur-Cher.

Victoire se dá bem com sua sogra Henriette. Nos primeiros tempos, a acolhida foi exageradamente calorosa. Ela dizia “minha filha” para cá, “minha filha” para lá, e Victoire foi se tranquilizando com aquela entonação carinhosa. Com o passar dos anos, Henriette foi se mostrando mais rabugenta. Victoire não tinha nenhuma dúvida de que isso se ligava ao fato dela ainda não ter conseguido dar um herdeiro a Anselme.

Henriette tinha até mesmo tentado, um dia, tocar no assunto com a nora: “Minha querida, você me parece muito pálida. Está tudo bem com você? Tudo está funcionando bem?”. Com bastante ênfase no “funcionando”, ela desvelava o abismo que se escondia ali. E Victoire o via com crueza. Surgiam, diante de seus olhos, sua desastrosa noite de

*image
not
available*

desejo. Nos últimos tempos, chegou até a falar dessa criança que não vinha, e o cura se mostrou surpreendentemente bondoso: “Vai chegar o momento, não tenha medo. Deus olha por você”, disse ele. Pela primeira vez, Victoire agradeceu com sinceridade.

De todo esse pequeno grupo que caminha ao longo do Cher, a mais religiosa é Céleste. Toda a sua fé recai sobre a Virgem. Céleste só tem olhos para seu drapeado azul e, sempre que pode, acende uma vela ao pé da escultura de gesso da igreja. Com as pontas dos dedos, ela acaricia o longo manto virginal que, em alguns pontos, já começa a rachar. No coração da jovem, ele é a própria quintessência do amor e da piedade. São esses sentimentos que lhe dão a força para não duvidar. Todas as manhãs, Céleste começa seu dia com essas palavras: *Santa Maria, mãe do mundo, cuide de nós, cuide de mim...* E mais nada, nem uma oração aprendida, apenas essas palavras para aquela que dá aos outros seu amor inalterável. *Santa Maria, mãe do mundo, cuide de nós, cuide de mim...* Como uma fortaleza inabalável.

Victoire e Anselme estão sentados nas primeiras fileiras, trocando saudações com todos. A grande aventura social da missa começa. Os empregados ficam no fundo. Silêncio total. Estão todos concentrados e tementes. O órgão ressoa em sua caixa de madeira, precedendo as leituras, precedendo o sermão. Hoje, o padre Roger culpa o corpo. Ataca da seguinte maneira:

— Irmãos, privado de sua alma, o corpo é um cadáver que vaga entre os vivos. Somente uma alma nutrida pela fé pode salvar esse corpo de sua decrepitude fatal, de seus vícios, de seus pecados. Não vos deixeis levar pela tentação vil! Pelo contrário, venerai suas almas, alimentai-as com orações, com pensamentos nobres — ele tropeça na palavra seguinte — e amor.

Victoire sente um arrepio. A palavra “amor” soa tão inapropriada naquela boca que fica desprovida de seu significado. Do que ele está falando exatamente? De repente, ela promete que vai amar mais Anselme, que vai se forçar a isso. Não ouve mais o sermão e enumera mentalmente suas resoluções. Retomar o controle da casa. Talvez tudo comece pela casa. Sentir-se mais implicada. Fazer geleias. Sim, é isso. À tarde, ela fará geleia de figo. Pierre acabou de colhê-los no jardim.

*image
not
available*

nervosismo e, em seguida, nos segundos que precedem a explosão, a espera que se instala, um instinto animal que os alerta. Não sabem de quê. Algo vai acontecer. É tarde demais para se mover, tarde demais para se esconder. Então, ficar imóvel e se fingir de morto.

Pierre tem sorte, ele não foi atingido, mas quando abre os olhos após a deflagração e entende que o peso que esmaga seu peito não é o de seu próprio cadáver, mas o do soldado Dumoulin, ele grita. Quando vê que está segurando pedaços de cérebro na mão, além de fragmentos de crânio explodido, Pierre berra para se libertar, para não ver mais. Ele berra pela morte, uma última vez.

Desde então, não ouve nada, não diz nada. Fez-se um silêncio interior em seu corpo, como uma cratera. E à noite, quando não está à mesa bebendo seu destilado, ele aperta Huguette contra si, praguejando por ainda estar vivo.

Anselme bate suavemente nos ladrilhos. Pierre não reage. “Mas que imbecil! Toda vez eu esqueço que ele é surdo!”.

Anselme fica esperando que o olhar de Pierre se dirija para a janela. Fica fazendo gestos para tentar chamar sua atenção, e os olhos enevoados de Pierre acabam por se voltar para ele. O homem se precipita imediatamente para a porta, deixa que Anselme entre e se instale como se estivesse em casa. Huguette ainda está dormindo. Na quietude da casa, Pierre prepara um café. Em seguida, estão ambos sentados. Um com um copo, o outro com uma xícara. Sendo surdo e mudo, Pierre aprendeu perfeitamente a ler os lábios.

No primeiro gole, Anselme se queima. No segundo, começa a falar.

Os dias passam, as semanas também, e a vida encontra um lugar na barriga de Céleste. O bebê dá cotoveladas, se alonga. Santa Maria, mãe do mundo, cuide de nós, cuide de mim... Certa manhã, Céleste toca sua barriga, já não pode evitar essa verdade que está crescendo. Ela sussurra:

— Cuide de mim, cuide de nós...

Embora jamais tivesse pensado sobre isso, agora está obcecada pelo seu corpo. Esse corpo que lhe pregou uma peça sem que ela percebesse. Ela se agacha no quarto, toca várias e várias vezes na barriga, fecha os olhos.

Gostaria de estar na sua clareira, cavar um buraco e colocar delicadamente o pedacinho da vida, cobri-lo com terra para mantê-lo aquecido. Lá ele estaria melhor. Então ela se deitaria sobre aquele morrinho. *Santa Maria, mãe do mundo, cuide de nós, cuide de mim...* E dormiriam por bastante tempo, os dois juntos lá, para sempre.

Ela pressente as consequências desastrosas daquela gestação. Fragmentos de histórias de empregadas grávidas e demitidas lhe vêm à cabeça. Desaba no chão do quarto. Nunca tinha chorado desse jeito. Mergulha num sofrimento infinito. O vestido, o avental ainda escondem a verdade que está crescendo, mas por quanto tempo?

Huguette deve estar impaciente na cozinha. Precisa descer, mas não consegue. Ela chora, continua chorando. Gostaria de correr para sua mãe, de se aconchegar nela, de perguntar: “Como foi que você fez isso?”. Ajoelha-se, reza com todas as suas forças, oferta à Virgem todas as palavras que lhe vêm e ainda outras mais esquisitas. Seus dedos se entrelaçam com tanta força que as falanges embranquecem.

estava mudando. Então subia numa cadeira para ver os seios que estavam crescendo.

Durante muito tempo, teve apenas uma imagem fragmentada de si mesma, um mosaico com a ladainha materna de fundo dizendo que o corpo não tinha importância e que só se fazia bom uso dele quando se engravidava. Fora esse mosaico desajeitado que ela montava mentalmente, nunca tinha visto mais ninguém nu. Sua mãe nunca, as empregadas também não. Foi só depois do casamento, quando finalmente pôde exigir um espelho de corpo inteiro no quarto, que ela se viu da cabeça aos pés. Com pudor, primeiro ela abriu as laterais do roupão de seda rosa e, depois, de uma só vez, tirou tudo.

O que descobriu não se parecia em nada com aquilo que havia imaginado. Achou-se magricela, com uma cintura muito fina e uma pelve estreita. Entendeu de repente por que tinha tanta dificuldade de se impor no mundo. Um corpo assim não permitia, não ocupava espaço suficiente. Mas ela tinha ficado chocada principalmente com os pelos pubianos. Nunca os tinha visto de um ângulo que não fosse de cima. A visão do triângulo peludo entre as coxas brancas a enojava. Por que todos esses pelos? Eles encaracolavam e tinham uma cor um pouco mais escura que a dos cabelos. Por Deus, que coisa horrível! Então ela se vestiu a toda velocidade. A partir daí, só usava o espelho para ajeitar as roupas.

Hoje, é outro corpo de mulher que ela está descobrindo. Acha-o mais bonito que o seu. Céleste é bem fornida, robusta, como são as jovens do campo. Ombros e quadris largos, tornozelos grossos, seios pesados. Mas o que magnetiza seu olhar é a barriga arredondada da empregada. Entendeu imediatamente o estado de Céleste. Pergunta-se se toda sua beleza não vem daí, desse florescimento, dessa generosidade que ela não vai conhecer. Victoire tem quase certeza, agora, ela nunca vai engravidar. Vendo a outra se livrar do espartilho, rastejar para juntar as roupas, se esconder com dificuldade e ainda assim continuar bonita, resplandecente, Victoire percebe que não será uma delas.

Céleste se vestiu, guardou o espartilho. Está com os braços caídos, os olhos baixados.

— Faz quanto tempo que você está grávida? E de quem?

A empregada é incapaz de responder às perguntas. Ela cai de joelhos e começa a se derramar em lágrimas. Victoire olha para ela friamente e acrescenta:

desde sempre de repente parece tão vasto que ela perde o equilíbrio. Se apoia na cabeceira da cama e consegue afastar as questões fundamentais que estavam encontrando caminho até sua cabeça.

Mas é preciso se arrumar. Eles chegarão em breve. Escolhe um vestido de cetim ocre, com rosas bordadas e debrum claro, cuja cintura em corselete é realçada por tiras de veludo. As mangas bufantes revelam seus antebraços, enquanto o decote fica elegantemente escondido por rendas finíssimas. Então ela coloca, nos cabelos já presos, diversos grampos adornados com pérolas. No rosto, um pouco de pó, e nada mais.

— A elegância natural — diz para si mesma, lançando um último olhar para o espelho de corpo inteiro que, naquele dia, tinha lhe mostrado imagens perturbadoras.

Anselme solta sua taça, que se choca contra o prato e se estilhaça, dispersando o vinho tinto sobre a toalha, respingando em seu colete. A revelação de Victoire e a taça quebrada mergulham a pequena assembleia num silêncio profundo. Victoire pronunciou sua frase olhando para Anselme, sem segundas intenções. Acabou sendo, involuntariamente, testemunha da sua mudança de fisionomia.

A frase flutuou no ar, improvável demais para ser assimilada. E foi atingir a mente de Anselme quando ele aproximava da boca, ainda totalmente despreocupado, sua taça de vinho. Logo antes das palavras da esposa, conversava consigo mesmo: “Deus do céu, como é bom esse tinto, o produtor não me enganou, vou comprar mais umas...”. E, de repente, a frase que aniquila seu pensamento, que projeta seu corpo para o último andar da casa, para uma cama de ferro que range, então sua mão se abre e a taça voa em estilhaços.

Victoire lê, no olhar do marido, aquela cadeia de pensamentos. Observa a breve transição entre a incredulidade e a revelação. E é quando a taça se quebra que a verdade explode em seu rosto: ele é o pai dessa criança que vem, e ele acaba de descobrir isso. No mesmo instante que ela.

Se Victoire e Anselme parecem viver esse momento em uma suspensão quase eterna, não é o caso de Joseph e Sarah. Ela é a primeira a quebrar o silêncio e, se suas ideias são bastante abertas sobre suas roupas, são bastante convencionais quando se trata de moral:

— Mas que vergonha! Ela tem que ser mandada embora! É uma desonra para vocês! Além do mais, uma criança na sua frente, enquanto

possível. Ela tem uma excelente reputação e vai resolver tudo isso com a discrição necessária.

Victoire se levanta:

— Podem voltar ao trabalho.

As duas empregadas voltam para a cozinha. Huguette, atordoada, senta em uma cadeira, enquanto Céleste continua a chorar, encostada no fogão a lenha.

— Por que você não me contou?

— Eu tentei, mas estava com medo e não tinha certeza...

— É de monsieur?

Céleste assente com a cabeça.

Huguette revê a infância de Anselme. Ela era uma jovem empregada na casa de madame de Boisvaillant quando ele nasceu. Cresceu solitário, mimado pela mãe, sem pai. Um primo do pai costumava visitá-los com frequência, fazendo o papel de figura paterna. Anselme sempre o recebia com alegria, mas o homem, depois de tê-lo beijado, perdia o interesse nele, e Anselme voltava a brincar em seu canto. Fez alguns amigos na escola, principalmente Joseph. Nunca foi um aluno brilhante, mas sua aplicação e a segurança do seu entorno lhe permitiram passar em todos os exames e, por fim, ocupar com toda a competência o posto de tabelião de seu pai.

Mas o que Huguette lembra perfeitamente é de uma fala curta e grossa, bem ao feitio de Henriette de Boisvaillant. Ela simplesmente lhe disse: “Prefiro que isso permaneça em família, em casa”. Depois ela empurrou Anselme, adolescente de virilidade confusa, para os braços de Huguette. Madame de Boisvaillant evitava, assim, os bordéis e as doenças que os acompanham. Até o dia em que a empregada teve que ir à casa de madame Berthelot, já então tecedeira de anjos... Foi até lá diversas vezes, certa de que nunca iria querer um filho. A disponibilidade imposta por seu trabalho a obrigava a isso, e, quando Pierre, ao retornar da guerra mutilado, fixara-a com seu olhar perdido, ela entendera que seu filho seria ele.

Huguette se levanta e acolhe Céleste em seus braços.

— Vai ficar tudo bem, minha pequena. Madame Berthelot vai fazer a

seguiram para a igreja. Ao som do órgão, ela fez sua entrada na nave. Anselme esperava por ela perto do altar. Ela não se lembra do sermão nem das orações, lembra apenas de estar com frio, muito frio. Ela tremia sob o vestido e o longo véu de renda. Perguntava-se por que estava ali e o que iria acontecer.

No momento da troca dos votos, ela se voltou para a mãe para ter seu consentimento. Depois, respondeu um “sim” quase inaudível. O bigode de Anselme foi imediatamente pousar sobre seus lábios pela primeira vez. Esse estranho contato a fez tremer um pouco mais.

Vieram em seguida a música, o banquete, as alusões maliciosas, tudo o que ela esperava esquecer logo. E a noite de núpcias, a famosa, aquela que supostamente a tornaria mulher. Passar de garota a mulher num instante tão breve e brutal, isso é possível?

Victoire se levanta, não quer mais pensar nisso. Vai ver Anselme, porque, afinal, se a situação de hoje é esta, é por causa dele. Decide ir até o gabinete. Raramente acontece de ir perturbá-lo enquanto trabalha. Mas, nesse momento, ela entende que não tem escolha.

Entra na sala. Os escrivães a cumprimentam respeitosamente. Um deles se apressa:

— Madame de Boisvaillant, o que posso fazer pela senhora?

— Diga ao meu marido que preciso falar com ele.